

OZ E YEHOSHUA: O KIBUTZ COMO TERRITÓRIO IDÍLICO

Juliano Klevanskis Candido (UFMG)¹

Resumo: Esta comunicação pretende analisar alguns aspectos ficcionais nos contos “O caminho do vento” e “O nômade e a víbora”, de Amos Oz, publicados em 1965, e “O casamento de Gália”, de Avraham B. Yehoshua, publicado em 1970. Nesses textos, evidencia-se a construção ficcional do kibutz judaico como um território idílico, um paraíso na terra, que é continuamente ameaçado e colocado em xeque pelos narradores.

Palavras-chave: Amos Oz, Avraham B. Yehoshua, Kibutz.

Em “O caminho do vento”, num primeiro momento, temos a personificação do kibutz, onde a sociedade é descrita como predominantemente agrária. Para o narrador, “Vagos raios atacavam a muralha de nuvens que cerrava o horizonte do nascente. Astuto, o dia novo escondia as suas intenções e não dava sinal algum do calor sufocante nele encoberto”.² A personificação positiva do kibutz é evidenciada nessa passagem:

Uma luz violeta acende-se nas montanhas a leste. O vento matutino a atíça. Em seguida, raios luminosos rasgam a muralha de nuvens. É dia. Brechas se abrem a dedos de luz. Finalmente, a bola incandescente eleva-se, é atirada à cordilheira de nuvens, e vencendo-a no horizonte oriental, todo deslumbrante, o violeta delicado rendeu-se e se retirou diante do vermelho brilhante e poderoso.³

Assim, o kibutz é apresentado como a palheta de um pintor, com uma dose de lirismo e construção poética do espaço. Os adjetivos constroem uma imagem idealizada e perfeita: “deslumbrante”, “delicado”, “brilhante”, “poderoso”, “luminosos”. A natureza ao redor do kibutz é descrita com a cor violeta, cor que surge da união entre o vermelho – que representa terra, coragem – e o azul – que representa céu, espiritualidade. A cor violeta aqui pode representar o equilíbrio entre a terra e o céu, entre a matéria e o espírito e talvez, simbolicamente, a passagem da vida para a morte.

Num segundo momento, temos a construção de dois personagens aparentemente antagônicos. A complexidade dos habitantes do kibutz é evidenciada, fruto de três

1 Graduado em Relações Internacionais (PUC-MG), Mestre em História Geral (University of Haifa). Contato: literatices@yahoo.com.br.

2 OZ, 1978, p. 31.

3 Oz, 1978, p. 31.

gerações – os judeus que vieram da Europa, os filhos desses imigrantes e os chamados “novos israelenses”. Essa simultaneidade de gerações acaba por trazer à luz o confronto entre a modernização e os valores judaicos tradicionais. Segundo o narrador:

A segunda geração cresceu à sombra do nosso empreendimento e por isso ficou complexada. Dialética. Mas a terceira geração, esta constituirá uma maravilhosa síntese e um abençoado produto: seus pais lhes transmitirão a espontaneidade e seus avós, o espírito. Este será um legado magnífico, livre dos efeitos de uma hereditariedade desvirtuada. [...] Nós não permitiremos que a terceira geração seja corrompida por mimos e poesias de damas nobres e decadentes.⁴

Essa síntese idealizada proposta pelo personagem Chimchon, no entanto, é frustrada. Na narrativa, seu filho, Guideon, tido como fraco e frágil, torna-se paraquedista do exército e, ao fazer uma apresentação no Dia da Independência, justamente na região do kibutz, seu local de nascimento, sofre um acidente. Ao saltar do avião, na tentativa de se destacar, abre também o paraquedas reserva, contribuindo para que o vento, que surge de repente, lance-o a um a fim elétrico, ficando ali preso. Desde o título do conto, “O caminho do vento”, seu destino está selado. Trata-se de uma referência ao Eclesiastes, que diz: “Assim como tu não sabes qual o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da mulher grávida, assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas”.⁵ Sem conseguir cortar as correias que o prendem, ele acaba morrendo. Não sem antes ser zombado pelas crianças e pelo próprio pai, que o chamam de Pinóquio, trapo, covarde, miserável. A referência ao boneco de madeira de Carlo Collodi não é gratuita. Enquanto no conto italiano, o boneco deseja e consegue se tornar humano, no texto de Oz, Guideon é rebaixado à condição de títere.

No outro conto de Oz, “O nômade e a víbora”, os habitantes de um kibutz são surpreendidos pela chegada de beduínos assolados pela fome. Aparecem casos de furto de objetos e de produtos da colheita. Os residentes do kibutz não sabem como enfrentar o problema e a polícia é acionada. Mas esta é incapaz de identificar os ladrões. No

4 OZ, 1978, p. 40-41.

5 Eclesiastes 11:5.

conto, as etnias parecem não se entender. Vários jovens do kibutz querem responder com violência a essa ameaça representada pelos furtos.

Assim, o leitor se depara, em primeiro lugar, com o choque cultural entre os beduínos e os habitantes do kibutz em consequência ao processo de migração. Segundo o narrador:

Seus rebanhos escuros invadem os campos amarelo-dourados, devorando a palha da colheita ceifada com dentes fortes e vingativos. Os movimentos dos nômades são furtivos e contidos; recuam diante de olhos vigilantes”.⁶

Desse modo, a partir da origem campesina dos beduínos, o narrador revela ao leitor a incapacidade de ambas as partes em negociar o espaço. A boa convivência entre os povos é, na escrita, posta em xeque. Enquanto os judeus, habitantes do kibutz, são originários da Europa, os beduínos são considerados árabes genuínos, vivem no deserto, falam língua árabe e, de acordo com o narrador:

ainda tem as suas canções toda a noite. Uma espécie de lamento melancólico e prolongado paira à noite no ar, desde o pôr-do-sol até a madrugada. As vozes penetram até os confins do Kibutz e oprimem nossas noites com um vago mal-estar. Mal a gente se deita para dormir e o rufar de um tambor distante marca o compasso do nosso sono, como as batidas de um coração relutante.⁷

O narrador do conto de Oz propõe, de forma semelhante, que se indague o universo do kibutz. Como fenômeno espacial, a colônia agrícola coletiva é baseada na posse comum da propriedade, mas externamente precisa de guarda armada e de segurança. Assim, o conto fornece um quadro de insegurança a partir da ineficácia das medidas tomadas pelo Estado para defender o kibutz. De acordo com o narrador, os

6 OZ, 1978, p. 51.

7 OZ, 1978, p. 53.

beduínos não se mostram abertamente desobedientes às leis, mas os crimes perpetrados acontecem à noite e às escondidas:

A escuridão era cúmplice. Esquívos como o vento, passavam pelo povoado e de nada nos valeram os guardas que colocamos de plantão, nem os que mais tarde juntamos aos primeiros para reforçar a vigilância. Saindo por volta da meia-noite para fechar torneiras de irrigação numa gleba distante, montado num trator ou guiando um jipe velho, as luzes dos faróis captavam de repente sombras fugidias de um homem ou de um animal. Um guarda encolerizado decidiu certa noite disparar sua arma e matou apenas um chacal perdido.⁸

Os habitantes do Kibutz não se satisfazem com a ineficácia da polícia em resolver a questão dos roubos, “havia desistido de continuar a investigação”.⁹ Diante dos prováveis delitos cometidos pelos beduínos, afirma o narrador:

alguns dos nossos jovens propuseram realizar um ataque noturno aos selvagens e dar-lhes uma boa lição numa linguagem que realmente entendessem e à qual estavam acostumados.¹⁰

Os jovens conhecem a lei enquanto os beduínos a ela não se submetem. Àqueles cabe utilizar-se da lei ou da violência para conter a ação dos beduínos e dos seus animais. O ataque aos beduínos é admissível; nesse espaço de morada e de produção, a segurança é fundamental. Ao final, no entanto, reúnem-se vários homens para efetuar o ataque.

Um suposto estupro da jovem judia Gueula por um nômade, que não é nomeado no texto, dá o tom da narrativa. O encontro desses dois personagens é descrito como, ao mesmo tempo, ameaçador, sensual e repugnante. De acordo com o narrador:

8 OZ, 1978, p. 54.

9 OZ, 1978, p. 56.

10 OZ, 1978, p. 56.

No chuveiro, o ralo estava entupido e o banco engordurado. Gueula colocou a roupa limpa sobre o banco de pedra. Não tremo por causa da água fria, não: é de nojo. Que dedos negros, e como agarrou o meu pescoço... E os dentes dele... E as cabras... Magro e pequeno como um menino, mas tão forte. Somente a pontapés e mordidas salvei-me dele. Ensaboar o ventre e tudo o mais. Ensaboar de novo e mais outra vez. Sim, que os rapazes ataquem o acampamento, esta noite ainda, e que lhes arrebetem todos os ossos negros pelo que me fizeram. Preciso sair.¹¹

Esse trecho ilustra o tom de ameaça, sensualidade e repugnância que permeia a narrativa. A personagem atribui ao beduíno “dedos negros” e “ossos negros”, pois, simbolicamente, a cor preta representa o mal, o segredo, a escuridão e a tristeza, ou, em termos psicológicos, o lado sombrio da personalidade, que deve ser ultrapassado.

“O casamento de Gália”, publicado em 1970, por A. B. Yehoshua, é um conto estranho. O personagem anônimo apresenta-se cheio de medos e a morte parece habitar a narrativa. Numa atmosfera surrealista de abstração da realidade, de situações grotescas, ele tenta chegar, de ônibus, ao casamento da antiga amada.

Ao narrar essa viagem, o narrador descreve um “sujo terminal de ônibus”, o motorista é retratado como “um monstrengo”, “uma coisa empoeirada”, um “ser inanimado”, que possui na testa um “galho partido” e “mãos de urso”, uma “coisa pesada” de “grande boca aberta”, enfim, uma “abominável criatura”, “uma coisa empoeirada que deve ter sido arrancada, com as raízes ainda se agitando, de dentro de uma moita entre as rochas”¹², revelando, nesses adjetivos a construção de um espaço-tempo fantasmagórico no qual submerge o personagem.

Na história, o leitor é levado, de chofre, aos fatos, como em uma realidade fantasiosa, que é descrita como um sonho pelo narrador que assim descreve sua experiência: “Ainda estou me recompondo do meu sonho febril, esfrego os olhos, e já a abominável criatura se deixa cair sobre o assento”.¹³

11 OZ, 1978, p. 64.

12 OZ, 1978, p. 118.

13 OZ, 1978, p. 119.

Ao contrário do grotesco e empoeirado motorista, a amada, Gália, é descrita a partir de sua vivacidade. Como no trecho:

Gália delgada, roupa de trabalho azul, olhos de brasa, azuis. Solitária, trazia a inquietação do mundo inteiro contida nos seus ombros estreitos. Despenteada, descuidada, sofrida, porém completa num outro mundo”.¹⁴

Ou em: “Um belíssimo ônibus azul está parado entre os últimos da fila e seus metais brilham à luz do sol”.¹⁵ Em ambas citações, destaca-se a cor azul. Tanto a roupa quanto os olhos azuis de Gália representam uma realização amorosa que não irá acontecer, uma promessa de céu ou paraíso. Também é um ônibus azul que transporta o personagem para um mundo aparentemente idealizado que, no entanto, foi perdido com o casamento da amada com outra pessoa. Somente eles, motorista e ônibus, seriam capazes de atravessar o país e levar o personagem ao encontro de sua amada.

No caminho, três homens embarcam. Eles também se destinam ao casamento. O ônibus, no entanto, não consegue se aproximar do kibutz. De acordo com a narrativa,

A máquina está sendo forçada na subida, mas o chofer não alivia a sua marcha. O motor geme, no seu sofrimento, mas ele o sufoca com maldade, injetando mais gasolina. Estupidamente bronco, continua a acelerar a máquina infeliz, que começa a estertorar em agonia, até que por fim morre, no meio a ladeira; seu corpo inanimado recua, descaindo um pouco para a beira do barranco.¹⁶

É lua cheia e, enquanto isso, o personagem imagina os piores designios para o noivo de Gália: “Eles vão matá-lo... – penso com alegria”¹⁷, referindo-se aos três homens que viajaram com ele no ônibus. “Ele vai morrer num acidente... ou de uma doença grave... que não será culpa dele... e tu, tu ficarás para mim...”¹⁸, “– Gália, minha

14 OZ, 1978, p. 120.

15 OZ, 1978, p. 117-118.

16 OZ, 1978, p. 123.

17 OZ, 1978, p. 128.

18 OZ, 1978, p. 131.

menina... Eles, os três, vão voltar e engravidar as esposas que os esperam. Eu, porém, voltarei para morrer ao lado da oliveira estéril”¹⁹

Em meio a uma realidade confusa, o narrador se depara com a realidade: “O casamento de Gália terminou!”²⁰ Ou seja, ele foi à boda, o ônibus não consegue entrar no kibutz, os três homens espancam o noivo, afinal, aí se descobre, o narrador e o leitor, que os três eram amantes de Gália.

Assim, a existência de personagens sarcásticos e irônicos nas obras de Oz e de Yehoshua revelam o espaço do kibutz como um território de histórias do cotidiano, mas também de sonho e pesadelo. Tanto Gueula, personagem de “O nômade e a víbora”, quanto o narrador anônimo de “O casamento de Gália” não são idealizados. Gália deseja vingança e morte, assim como o narrador do conto de Yehoshua anima-se com a surra que o marido de sua amada recebe. Os personagens mostram-se vítimas e algozes, violentos, ciumentos, individualistas e introspectivos. Percebe-se, desse modo, nos contos, a crise do homem do kibutz, do cidadão ideal, ou mesmo da nação israelense.

Nas três narrativas, o cenário é o kibutz, local em o homem estaria integrado, quase organicamente, à natureza. Nessa relação entre “homem” e “natureza”, há duas posturas possíveis: uma técnica ou exterior, outra religiosa ou interior. A primeira postura pode ser vislumbrada em “O nômade e a víbora”, no qual o ódio entre judeus e beduínos resulta na guerra. Em “O casamento de Gália”, a ação é linear, apesar de o motorista ser uma espécie de personagem paralelo, fora do espaço-tempo tradicional. Os contos põem em perspectiva relações com outro, com a negociação de espaços e territórios, físicos e do desejo.

O espaço do kibutz, rural, "onde acontece a vida real dos homens"²¹, é hierarquizado, sagrado e fechado, mas também profanado, aberto e sem defesa. O entrecruzamento fatal entre o território do kibutz e a ação do migrante, e entre a tradição e a percepção da nova geração nos remete à observação de Michel Foucault:

19 OZ, 1978, p. 132.

20 OZ, 1978, p.135.

21 FOUCAULT, 1984, p.412.

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do distante, do lado a lado e do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama. Talvez se pudesse dizer que certos conflitos ideológicos que animam as polêmicas de hoje em dia se desencadeiam entre os piedosos descendentes do tempo e os habitantes encarniçados do espaço.²²

O kibutz, inicialmente idealizado e utópico, poderia ser, dessa maneira, percebido pela lógica da justaposição de espaço (com o vizinho nômade) e da justaposição de tempo (com a nova geração). Os contos talvez nos mostrem como a utopia se posiciona nesse espaço-tempo. A nova geração é percebida, pela anterior, como um fantasma; o imigrante é percebido como obscuro, assustador, baixo. Esses conflitos, internos e externos, talvez sejam sinais da erosão, nas narrativas, da utopia, a perda da hegemonia do ideal do kibutz ou a inauguração do que o filósofo denomina de heterotopia.

Os leitores de Oz e de Yehoshua podem aprender algo sobre Israel e sobre o kibutz. O leitor ideal desses contos talvez deva conhecer de antemão um pouco da sociedade israelense e sua formação. E é provável que os autores procuraram desmistificar o ideal sionista-socialista de kibutz. Mas, existe uma ideia que permeia os três contos, os quais falam entre si: o medo. Este estado afetivo acompanha os personagens das narrativas: há o medo de perder para sempre a amada Dália; o medo de perder os bens e a própria propriedade do kibutz para os nômades; o medo de não corresponder às expectativas do pai, no caso de Guideon, e de ser identificado como covarde. O medo está por trás desses comportamentos. Para Jean Delumeau, ao longo da história, indivíduos e coletividades permanentemente dialogam com o medo. Nos contos, isso é revelado, individualmente, com Gueula ou com Guideon, e coletivamente, na guerra do kibutz aos beduínos – estes e seus animais no inconsciente coletivo talvez sejam os agentes do desconhecido e do mal.

22 FOUCAULT, 2009, p. 411.

Referências

DELUMEAU, Jean; MACHADO, Maria Lucia. História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada. Editora Companhia das Letras, 2009.

FOUCAULT, Michel. De outros espaços: Heterotopias. Architecture, Mouvement, Continuité (5), p. 46-49, 1984.

OZ, Amos, “O caminho do vento”. In: BEREZIN, Rifka (Org.). O novo conto israelense. Trad. Nancy Rozenchan, Rifka Berezin, entre outros. São Paulo: Símbolo, 1978, p. 31-50.

OZ, Amos, “O nômade e a víbora”. In: BEREZIN, Rifka (Org.). O novo conto israelense. Trad. Nancy Rozenchan, Rifka Berezin, entre outros. São Paulo: Símbolo, 1978, p. 51-66.

YEHOSHUA, A. B., “O Casamento de Gália”. In: BEREZIN, Rifka (Org.). O novo conto israelense. Trad. Nancy Rozenchan, Rifka Berezin, entre outros. São Paulo: Símbolo, 1978, p. 115-135.

DE JERUSALÉM, BÍBLIA. Eclesiastes. Vários tradutores. São Paulo: Paulus, 2002.